

ANA PAULA BURATTO

**VISÕES DA LITERATURA:  
OS POBRES LIVRES DA SEGUNDA METADE DO SÉC.XIX EM MACHADO DE  
ASSIS E MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA**

CURITIBA  
1999

ANA PAULA BURATTO

**VISÕES DA LITERATURA:  
OS POBRES LIVRES DA SEGUNDA METADE DO SÉC.XIX EM MACHADO DE  
ASSIS E MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA**

“Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura e Bacharelado em História, da Universidade Federal do Paraná a título de Graduação.”

Orientadora profa. dra. Ana Maria de Oliveira Burmester

CURITIBA  
1999

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>2</b>	<b>ROMANCE: LITERATURA DA BURGUESIA.....</b>	<b>6</b>
<b>3</b>	<b>DONA PLÁCIDA : UMA VIDA DE TRABALHOS.....</b>	<b>11</b>
<b>4</b>	<b>LEONARDO : AVERSÃO AO TRABALHO.....</b>	<b>20</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>27</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>31</b>

Twenty-two points, plus triple-word-score, plus fifty points for using all my letters. Game's over. I'm outta here.

# 1 INTRODUÇÃO

Através deste trabalho me proponho ao estudo comparativo entre as obras de Machado de Assis e Manuel Antônio de Almeida em relação a questão do trabalho e as sociabilidades do período (segunda metade do séc. XIX).

Durante o período que este estudo se localiza, o Brasil já havia realizado sua independência política de Portugal sem deixar de ser um país agrário, marcado por grandes latifúndios e dependente do trabalho escravo e do mercado internacional.

Porém, não é no sistema escravista (ou mesmo no fim do séc.XIX, seu término), ou no mercado externo, que este estudo se pauta mas nos escritos da época, em especial aqui representados por autores que se diferenciavam da maioria nacional. Tais autores explicitaram em suas obras<sup>1</sup> personagens que não pertencem ao escravismo ou mesmo não são partes legítimas das altas rodas sociais. Os pobres livres da segunda metade do século XIX é que serão o principal objeto de estudo deste trabalho.

Talvez uma das razões para que estes autores se interessassem por esta parcela da população urbana quase que socialmente esquecida venha de suas próprias origens. Manuel Antônio de Almeida (1831-1861) foi um dos poucos escritores brasileiros de meados do séc.XIX que teve origem pobre e viveu entre as classes populares. Nascido no Rio de Janeiro, e órfão de pai ainda na infância, foi com muito esforço que terminou seus estudos. Coursou medicina, mas trabalhou como funcionário público e jornalista para sobreviver. Morreu aos 30 anos, no naufrágio de um navio, no momento em que se preparava para iniciar sua carreira

---

<sup>1</sup> Neste caso em específico não se pode generalizar. Machado de Assis não escreveu apenas sobre uma classe social. Sua obra é de caráter muito amplo para ser analisada neste trabalho, então optou-se apenas por uma faceta.

política. *Memórias de um Sargento de Milícias*, publicado em capítulos em um jornal carioca entre os anos de 1852 e 1853 é seu único romance. “Por seu humor irônico, por sua evocação da vida das ruas e por sua atenção à fala coloquial, o livro influenciou toda uma vertente de realismo urbano em nossa literatura, que inclui Machado de Assis, Lima Barreto e Marques Rebelo”<sup>2</sup>.

Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) assim como Manuel Antônio também possuiu origens humildes. Sua mãe morreu ainda na infância e a segunda mulher do pai o criou como filho. Mulato e pobre: apenas essas duas características já bastavam para tolher suas ambições sociais. Foi a custa de muita dedicação, trabalhando como aprendiz de tipógrafo e estudando a noite, que conseguiu se firmar como um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos. Em 1881 publicou o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* onde realizou uma grande crítica social incutida nas memórias de um “defunto narrador”; foi “poeta, romancista, contista, cultivou ainda a crônica e o teatro. Se bem que entre as suas poesias figurem algumas peças primorosas, foi na prosa de ficção que realizou suas obras primas, especialmente a partir da publicação do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881)”<sup>3</sup>. Neste momento de sua vida estava casado com D.Carolina e gozava de uma boa posição como funcionário do governo e reconhecimento nacional como grande literato (foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras, da qual foi o primeiro presidente).

As obras destes grandes escritores serão, portanto, pontos de partida deste trabalho. E aqui se observa que o estudo de obras literárias como fontes históricas proporciona uma

---

<sup>2</sup> COUTINHO, Afrânio. Biografia e introdução. In: ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um Sargento de Milícias*. Rio de Janeiro : Ediouro, 1997.

<sup>3</sup> PEQUENO dicionário enciclopédico Koogan Larousse. Rio de Janeiro : Larousse do Brasil , 1979.

visão minuciosa do que se passou em uma determinada época através de personagens que , muitas vezes, se identificam com o real.

Através de um dos gêneros literários mais difundidos , o romance, pode-se encontrar as respostas para pequenos enigmas sociais e também grandes questões que permanecem sem solução até a atualidade. Assim, tomando como ponto de partida o romance pode-se fixar categorias e conceitos sociais de grande relevância.

Neste estudo, particularmente, como já foi dito anteriormente, busca-se visualizar as relações de trabalho e as sociabilidades dos homens pobres livres da segunda metade do século XIX. Para tanto, foram privilegiados os autores Machado de Assis e Manuel Antônio de Almeida que lançaram obras de caráter fundamental neste século. A escolha não foi aleatória mas baseada na obra *Memórias de um Sargento de Milícias*<sup>4</sup> de Manuel Antônio e na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*<sup>5</sup> de Machado de Assis que possuem pontos de divergência e exprimem pareceres que são verdadeiras radiografias sociais.

Com relação a obra de Machado de Assis um personagem secundário em particular chama a atenção neste estudo e a ele serão dados os maiores créditos. Trata-se de Dona Plácida<sup>6</sup> . Aqui Machado conta a trajetória de uma mulher já com idade avançada que passou a vida lutando para manter um mínimo de dignidade em meio a pobreza e degradação moral que a cercavam. A história de D. Plácida aparece no romance quando Brás Cubas descreve uma conversa que teve com ela ao chegar em sua casa para encontrar sua amante Virgília, já que D. Plácida exercia nesta época de sua vida o papel de alcoviteira do casal. Não tendo

---

<sup>4</sup> ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um Sargento de Milícias*. Rio de Janeiro : Ediouro, 1997.

<sup>5</sup> MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. 27. ed. São Paulo : Ática, 1999.

<sup>6</sup> A história de D. Plácida está presente no capítulo LXXIV de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Virgília ainda chegando ao local do encontro, D. Plácida começou a contar sua triste vida a Brás que mais tarde escreveu um capítulo de suas memórias em sua homenagem.

Já Manoel Antônio de Almeida apresenta uma visão diferenciada quando trata de pobres livres e a questão de suas sociabilidades no mesmo período. Em seu romance *Memórias de um Sargento de Milícias*, Leonardo, o personagem principal, não se parece em nada com o acima descrito por Machado de Assis. Não sofre grandes privações em sua trajetória e nem esta se prima pela honestidade e probidade que marcaram a vida de Dona Plácida .

Assim, a grande questão que se tentará compreender é o diferente entendimento de autores contemporâneos sobre o trabalho e as sociabilidades do período ( trabalho X não trabalho ) .

Para Machado de Assis por mais que seu personagem desenvolva estratégias para sobreviver honestamente e com o mínimo de dignidade humana sempre em algum momento da sua narrativa “cairá” por perverter-se e deixar seus valores ainda que parcialmente de lado. “Cair, no caso, é um eufemismo para contingências como pedir esmola na rua ou faltar aos bons costumes, degradações estas a que no entanto não haverá como fugir, conforme anota o narrador , com evidente satisfação”<sup>7</sup>.

Já Manoel Antônio de Almeida não busca em sua obra *Memórias de um Sargento de Milícias* contar a trajetória de um personagem socialmente ético que se perverte. O que se vê é um *malandro de nascimento* que circula entre a miséria e as altas rodas sociais; “da pobreza,

---

<sup>7</sup> SCHWARZ, Roberto (Org) . *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo : Brasiliense, 1983.

quer a felicidade ( o ócio e a festa ); e da riqueza ,o dinheiro , Eis os *homens livres* e a *dialética da malandragem* como configurou Antônio Cândido”.<sup>8</sup>

A história de Dona Plácida e a trajetória atribulada de Leonardo preenchem um dos objetivos principais deste trabalho monográfico que seria o de delimitar a tipologia de um trabalhador livre da segunda metade do século XIX através do estudo do romance.

---

<sup>8</sup> SANTIAGO, Silviano. *Imagens do remediado*. In : SCHWARZ, Roberto (Org). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo : Brasiliense, 1983.



## 2 SURGE UMA NOVA ARTE : ROMANCE LITERATURA DA BURGUESIA

Para se analisar a importância das duas obras objeto deste estudo é fundamental entender o surgimento do veículo que permitiu que estas obtivessem sucesso e grande repercussão : o romance.

O gênero literário romance , com as características atuais, surgiu na Inglaterra no século XVIII. Surgiu como um elemento inovador da literatura até então escrita que se pautava por elementos épicos de caráter genérico e que demonstravam , muitas vezes, uma moralidade imutável.

Ian Watt atribui a três escritores ingleses do período Defoe, Richardson e Fielding a criação desta forma literária nova. Embora tais autores fossem conscientes da marca inovadora que estavam impondo aos seus escritos e a ruptura que esta imprimia a ficção anterior, não assinalaram a diversidade característica de suas obras : “É verdade que Richardson e Fielding se consideravam criadores de uma nova forma literária e viam em sua obra uma ruptura com a ficção antiga; porém nem eles nem seus contemporâneos nos fornecem o tipo de caracterização do novo gênero do qual precisamos; na verdade sequer assinalaram a diversidade de sua ficção mudando-lhe o nome – o termo *romance* só se consagrou no final do século XVIII”<sup>9</sup> .

Embora tais autores não tenham analisado suficientemente seus escritos para que se chegasse a uma conclusão através de suas próprias críticas foram os historiadores do romance que fizeram vir à tona os atributos identificadores do novo gênero. Para Ian Watt é o

---

<sup>9</sup> WATT, Ian. *Ascensão do romance* : estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. São Paulo : Cia das Letras, 1990.

“realismo” o traço diferenciador e elementar entre o que se produzia antes do século XVIII e o que se produziu depois.

Deve-se observar, no entanto, que o termo realismo não quer significar aqui que tudo o que se produzia até então fosse próximo do irreal ou do fantasioso, tão somente, que a nova forma literária buscou imprimir “todo tipo de experiência humana e não só as que se prestam a determinada perspectiva literária : seu realismo não está na espécie de vida apresentada e sim na maneira com a apresenta”<sup>10</sup>.

Portanto, o romance se mostrou como uma afirmação do individualismo de seus personagens. A experiência única, individual e original é destaque nos novos escritos e refletem em muitos casos as características pessoais de seus autores, influenciados pelo seu tempo. O tempo, o ambiente e o personagem tomarão perspectivas únicas e fundamentais deixando de lado os enredos tradicionais retirados da História, da mitologia ou de relatos populares.

O personagem não aparece mais subordinado a um enredo, pode caminhar livremente e escolher o direcionamento de suas condutas guiado pela imaginação criativa do autor. Assim sendo, os arquétipos ou modelos saem de cena e o que ressurge são personagens de ficção semelhantes a pessoas reais identificados e individualizados por um nome e sobrenome próprios. Isso não significa dizer que nos escritos anteriores haviam personagens inominados; mas tão somente que os personagens anteriores ao romance eram cunhados por nomes genéricos, não diferenciadores de uma nova individualidade contemporânea. Desta forma, o nome e o sobrenomes próprios tiveram por função principal aproximar o personagem do particular e o distanciar de tipos.

---

<sup>10</sup> Ibid, p.13.

Outra questão relevante na análise ampla do romance é o tempo e a ambientação dos personagens. A descrição detalhada dos personagens necessita situá-los temporalmente e espacialmente e na maioria dos casos os romancistas modernos conseguem convencer o leitor da “veracidade” de tais acontecimentos. Isto se dá porque existe um maior acompanhamento na vida dos personagens e um encadeamento lógico em suas ações, além disso, uma maior coerência em relação as atitudes que deveriam tomar em certa época. O espaço , complementar ao tempo, também justifica a realidade das personagens já que é um tanto complicado imaginar uma realidade vivida sem um contexto que a embase.

A utilização da prosa como veículo para a literatura do romance também exprime a realidade do que se pretendia impor aos textos. Diferente da tradição anterior ao romance, aqui a retórica afinada não encontrava lugar e o que se pretendia buscar era a comunicação com o real e com isto a identificação com o leitor ; ainda que isto implicasse em repetições, a autenticidade estava resguardada.

Assim sendo, foi o seu realismo, o que Ian Watt chama de “realismo formal” que ajudou a torná-lo popular e a fortalecê-lo como novo gênero.

“Na verdade o realismo formal é a expressão narrativa de uma premissa que Defoe e Richardson acertaram ao pé da letra, mas quer está implícita no gênero romance de modo geral : a premissa ou convenção básica, de que o romance constitui um relato completo e autêntico da experiência humana e, portanto, tem a obrigação de fornecer ao leitor detalhes da história como a individualidade dos agentes envolvidos, os particulares das épocas e locais de suas ações – detalhes que são apresentados através de um emprego da linguagem muito mais referencial do que é comum em outras formas literárias”<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> WATT, *op. cit.*, p.31.

Apesar de buscar uma maior comunicação com o leitor o romance, assim como outras publicações em formato de livro, possuía um custo relativamente alto correspondendo quase ao sustento de uma família pobre por uma semana, o que impediu sua absorção por grande parte da massa popular. Portanto, o romance irá servir como uma leitura para um público abastado, burguês por excelência, mas que encontrou expressão máxima na classe média.

“No século XVIII o romance estava mais próximo da capacidade aquisitiva dos novos leitores da classe média do que muitas formas de literatura e erudição estabelecidas e respeitáveis, porém, estritamente falando não era um gênero popular”<sup>12</sup>.

Neste mesmo período surgiram as bibliotecas circulantes na Inglaterra que emprestavam livros a preços módicos e que auxiliaram em muito a divulgação da nova forma literária; o que acabou por exercer uma forte influência principalmente sobre o público feminino. As mulheres pertencentes as classes médias e altas mais comumente urbanas, por sua condição, não precisavam realizar tarefas domésticas e portanto, dispunham de tempo livre para se dedicar a leitura, ainda que não se possa calcular precisamente quando do seu ócio era dedicado a leitura.

Desta forma, as classes pobres, ainda que inicialmente, estiveram afastadas do número de leitores de romances. Seja pelas longas jornadas de trabalho, o que reduzia sensivelmente seu tempo para ler, seja pelo alto custo dos livros, seja, finalmente, pelas dificuldades de instrução.

Entretanto, o distanciamento com as classes populares não significava dizer que autores vindos dos meios pobres não pudessem se sobressair, obviamente, estes teriam mais

---

<sup>12</sup> Ibid, p.40.

dificuldades nisto mas esta hipótese não deve ser descartada. A literatura passou a se tornar um meio de sobrevivência a muitos escritores do período que como Defoe se tornaram independentes pelas mãos dos livreiros ou editores que lançaram suas obras no mercado.

Transportando esta questão para o Brasil do século XIX observa-se também na questão da leitura um fator privilegiador das classes alta e média, mas apenas o título de escritor não garantia mais a sobrevivência desses autores : Machado de Assis , Manuel Antônio de Almeida ,entre outros escritores do período, tiveram que garantir sua sobrevivência com empregos públicos ou como jornalistas, antes de se consagrarem como grandes literatos.

### 3 DONA PLÁCIDA : UMA VIDA DE TRABALHOS

Machado de Assis em sua obra extensa e de grande relevância para a literatura mundial nunca procurou destoar-se da realidade social.

Embora já muito discutido e estudado sua obra ainda se vale a uma série de análises quando o assunto é a realidade humana. Amargo, cético e por vezes irônico sempre buscou contemplar a humanidade sob o prisma de uma psicologia racional e reveladora.

Sua produção, de forma geral, retrata o Brasil, mais especificamente o Rio de Janeiro, no momento da transição entre o Império e a República no que se chamou da belle époque nacional .Reflete em muitas de suas personagens as condutas sociais da época: o agir e o pensar do homem contemporâneo e a afirmação de condutas e reações universais.

“A partir de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, faz a renovação das letras brasileiras, impulsionando-as em direção ao realismo, evidenciado principalmente nos perfis de seus personagens e mais notadamente os femininos”<sup>13</sup>.

E é exatamente em um personagem feminino que se centrará esta análise. Trata-se de Dona Plácida personagem secundário presente nas memórias de Brás Cubas, o “defunto narrador”. Mas por hora faz-se necessário contar, ainda que resumidamente, a trajetória de Brás Cubas, uma vez que as memórias são dele.

Brás Cubas relembra sua vida ao escrever suas memórias. Seus desencantos amorosos por Marcela, Eugênia , Nhá Lolô e Virgília fazem parte de sua trajetória. É em razão de um desses amores, que foi de longe o mais marcante em sua estória pessoal, Virgília, que aparece D. Plácida. Virgília foi seu caso amoroso mais duradouro, já que nunca se casou,

---

<sup>13</sup> IMAGUIRE JR, Key. *O espaço burguês: arquitetura eclética em Machado de Assis*. Curitiba, 1999. Tese. (Doutorado em História, Departamento de História, Universidade Federal do Paraná).

e também o que Brás mais leva tempo e gasta páginas contando ( o próprio Brás Cubas conta sua estória, o romance é narrado em primeira pessoa ) .

Cubas poderia ter se casado com Virgília, e até tentou lhe fazer corte, uma vez que seu pai fazia questão do enlace, que seria vantajoso economicamente já que seu futuro sogro poderia através de influências lhe abrir as portas da Câmara dos Deputados. Entretanto, nem ela e nem ele demonstraram algum interesse recíproco naquele momento de suas vidas, o que leva Brás Cubas a refletir :

“Não era oportuno o primeiro momento, porque, se nenhum de nós estava verde para o amor, ambos o estávamos para o nosso amor: distinção fundamental. Não há amor possível sem a oportunidade de sujeitos”.(cap.LVI)

Como ele próprio diz o “momento oportuno” para a paixão dos dois só veio anos mais tarde quando Virgília já estava casada com Lobo Neves. Foi nesse momento através de uma dança de salão que a paixão dos dois começou a nascer ; esta se revelou em um momento inconveniente já que ela já se comprometera e o seu marido era amigo de Brás. Apesar disso, os amantes resolvem manter o romance e escolher um lugar para se encontrar, pois as visitas de Brás na casa do amigo Lobo Neves estavam levantando suspeitas. Encontram então um refúgio no bairro da Gamboa e aí Virgília lembra de uma senhora muito conhecida que poderia servir de caseira:

“Convencionamos que iria morar ali uma mulher, conhecida de Virgília, em cuja casa fora costureira e agregada. Virgília exercia sobre ela verdadeira fascinação. Não se lhe diria tudo; ela aceitaria facilmente o resto”.(cap.LXVII)

É a primeira referência no romance que se faz a D. Plácida. Esta surge como uma “costureira e agregada” mas que serviria aos propósitos do casal em manter o segredo dos

encontros. É interessante perceber que Brás e Virgília pertenciam a elite local e que D. Plácida era uma pessoa pobre que apesar das amizades que nutria por Virgília serviria a seus desejos, já que esta iria lhe favorecer mantendo-a em segurança nesta “casinha”.

“ Virgília fez daquilo um brinco; designou as alfaias mais idôneas, e dispô-las com a intuição estética da mulher elegante; eu levei para lá alguns livros, e tudo ficou sob a guarda de Dona Plácida, suposta, e, a certos respeitos, verdadeira dona de casa”. (cap.LXX)

Posto isto, Brás começa a reparar em Dona Plácida e na honestidade de suas maneiras, ela demora para se acostumar a nova vida que o casal lhe iria proporcionar em troca de seus favores.

“ Custou-lhe muito a aceitar a casa; farejara a intenção, e doía-lhe o ofício ; afinal cedeu. Creio que chorava, a princípio: tinha nojo de si mesma. Ao menos, é certo que não levantou os olhos para mim durante os primeiros dois meses; falava-me com eles baixos, séria, carrancuda, às vezes triste. Eu queria angariá-la, e não me dava por ofendido, tratava-a com carinho e respeito; forcejava por obter-lhe a benevolência, depois a confiança. Quando obtive a confiança, imaginei uma história patética dos meus amores com Virgília, um caso anterior ao casamento, a resistência do pai, a dureza do marido , e não sei que outros toques de novela. Dona Plácida não rejeitou uma só página da novela; aceitou-as todas. Era uma necessidade da consciência. Ao cabo de seis meses quem nos visse a todas três juntos diria que Dona Plácida era minha sogra”. (cap. LXX).

Apesar da repulsa que seu novo ofício lhe provocava “afinal cedeu”. Indo contra seus princípios Dona Plácida se deixa levar pelas simpatias de Brás , a amizade por Virgília, e a recompensa financeira. Aceita a incumbência que lhe foi dada e a justifica nas estórias de amor impossível que os amantes lhe contam e principalmente no seu próprio desamparo, aceitando por fim as facilidades que teria apoiando esta situação. Ainda mais quando Brás lhe faz um “certo” agrado, que acaba por eliminar qualquer tipo de mal-estar:

“Não fui ingrato; fiz-lhe um pecúlio de cinco contos (...) como um pão para a velhice. Dona Plácida agradeceu-me com lágrimas nos olhos, e nunca mais deixou de rezar



por mim, todas as noites, diante de uma imagem da Virgem, que tinha no quarto. Foi assim que lhe acabou o nojo”. (cap.LXX)

Assim, Brás conquista sua amizade e com mais uma “pratinha” ,em outra ocasião, recebe uma generosa contribuição para suas memórias que é a triste história de Dona Plácida.

“Dias depois, como eu a achasse só em casa, travamos palestra, e ela contou-me em breves termos a sua história. Era filha natural de um sacristão da Sé e de uma mulher que fazia doces para fora. Perdeu o pai aos dez anos. Já então ralava coco e fazia não sei que outros trabalhos de doceira, compatíveis com a idade. Aos quinze anos ou dezesseis casou com um alfaiate, que morreu tísico algum tempo depois, deixando-lhe uma filha. Viúva e moça, ficaram a seu cargo a filha, com dois anos, e a mãe, cansada de trabalhar. Tinha de sustentar a três pessoas. Fazia doces, que era o seu ofício, mas cosia também, de dia e de noite, com afinco, para três ou quatro lojas, e ensinava algumas crianças do bairro, a dez tostões por mês. Com isto iam-se passando os anos, não a beleza, porque não a tivera nunca. Apareceram-lhe alguns namoros, propostas, seduções, a que resistia”. (cap.LXXIV).

Dona Plácida encontra em Brás um confidente . Sua vida pobre e cheia de privações é tema de longa conversa. O que se observa em sua trajetória é que desde as origens existem gritantes contradições morais. Nasceu de um caso entre um sacristão e uma doceira, o que não a impediu de quando adulta desejar um casamento.

No entanto o que mais marca sua trajetória e define sua personalidade é o trabalho. Desde criança é o trabalho que se coloca em primeiro lugar, não há lembranças de brincadeiras ou de outros assuntos de criança. Seu pai morre cedo deixando as duas mulheres desamparadas. Jovem, sua única saída é o árduo trabalho solitário já que o marido morreu cedo e a mãe já está velha e cansada . Além disso, tem uma filha para sustentar :

“ – Se eu pudesse encontrar outro marido , disse-me ela, creia que me teria casado; mas ninguém queria casar comigo. Um dos pretendentes conseguiu fazer-se aceito; não sendo, porém, mais delicado que os outros, Dona Plácida despediu-o do mesmo modo, e, depois de o despedir, chorou muito. Continuou a coser para fora e a escumar os tachos. A mãe tinha a rabugem do temperamento, dos anos e da necessidade; mortificava a filha para que tomasse um dos maridos de empréstimo e de ocasião que lha pediam. E bradava :  
- Queres ser melhor do que eu ? Não sei donde te vêm essas fidúcias de pessoa rica. Minha camarada, a vida não se arranja à toa; não se come vento. Ora esta! Moços tão bons como o

Policarpo da venda, coitado... esperas algum fidalgo, não é ? Dona Plácida jurou-me que não esperava fidalgo nenhum. Era gênio. Queria ser casada. Sabia muito bem que a mãe não o fora, e conhecia algumas que tinham só o moço delas; mas era gênio e queria ser casada. Não queria também que a filha fosse outra coisa. Trabalhava muito, queimando os dedos ao fogão, e os olhos ao candieiro, para comer e não cair. Emagreceu, adoeceu, perdeu a mãe, enterrou-a por subscrição e continuou a trabalhar”. ( cap. LXXIV)

A sobrevivência fala mais alto; porém , nada a impede de não aceitar os conselhos da mãe em pegar um “marido de empréstimo”, sua fidelidade aos bons costumes está acima de tudo. Pelo o que se observa, o sonho de encontrar um marido se dissolve na realidade. O “gênio”, as “fidúcias de pessoa rica” se revelam pelo desejo de exclusividade em uma relação e também em desejar um casamento para a filha. Para manter a sua dignidade trabalhava muito e mesmo cansada e doente sua luta insana pela sobrevivência continua.

Mais tarde, pelo que conta a própria D. Plácida à Brás, sua filha , a quem tinha dedicado tantos cuidados, foge com um “sujeito” o que aumenta ainda mais a lista de seus sofrimentos. O alívio, ainda que provisório, chega pelas mãos de Virgília :

“ Minha filha fugiu-me; foi com um sujeito, nem quero saber... Deixou-me só, mas tão triste, tão triste que pensei morrer. Não tinha mais ninguém no mundo e estava quase velha e doente. Foi por esse tempo que conheci a família de Iaiá : boa gente, que me deu que fazer, e até chegou a me dar casa. Estive lá muitos meses, um ano, agregada, costurando. Saí quando Iaiá casou. Depois vivi como Deus foi servido. Olhe os meus dedos, olhe estas mãos... E mostrou-me as mãos grossas e gretadas, as pontas dos dedos picadas de agulhas. – Não se cria isto à toa, meu senhor ; Deus sabe como é que isto se cria... Felizmente, Iaiá me protegeu, e o senhor doutor também... Eu tinha um medo de acabar na rua, pedindo esmola...” (cap. LXXIV).

Segundo Roberto Schwarz “em D. Plácida está sintetizado o pior de dois mundos: trabalho abstrato, mas sem direito a reconhecimento social . Seus esforços, cuja paga material é incerta e mínima, ficam sem compensação também no plano moral, o que talvez seja a explicação da singular tristeza da personagem. A dureza que não tem a redenção do sentido é absoluta”. <sup>14</sup>. Apesar de todos os seus esforços D. Plácida não consegue o mínimo para

---

<sup>14</sup> SCHWARZ, *op. cit.*, p.48.

sobreviver e além disto tem que se vender moralmente já que se torna alcoviteira de Brás e Virgília.

Depois da conversa, Brás fica imaginando o porque da existência de D. Plácida, quais as intenções de seus pais a trazer-lhe a vida :

“Assim, pois, o sacristão da Sé, um dia, ajudando à missa, viu entrar a dama, que devia ser sua colaboradora na vida de Dona Plácida. Viu-a outros dias, durante semanas inteiras, gostou, disse-lhe alguma graça, pisou-lhe o pé, ao acender os altares, nos dias de festa. Ela gostou dele, acercaram-se, amaram-se. Dessa conjunção de luxúrias vadias brotou Dona Plácida. É de crer que Dona Plácida não falasse ainda quando nasceu, mas se falasse podia dizer aos autores de seus dias : - Aqui estou. Para que me chamastes ? E o sacristão e a sacristã naturalmente lhe responderiam : - Chamamos- te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para o outro, na faina, adoecendo e sarando com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital; foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia”. (cap.LXXV).

Para Brás Cubas é muito difícil atribuir um significado a vida de Dona Plácida, além de trabalhos e sofrimentos incessantes. Neste aspecto, deixa a questão em aberto para concluí-la alguns capítulos depois.

Voltando à Dona Plácida e deixando os pensamentos de Brás de lado; pelo menos temporariamente; seu sossego durará o tempo do romance de Brás e Virgília. Ela ajudará os amantes a manterem em segredo seu romance e os protegerá num episódio em que o Lobo Neves, desconfiado, vai até a casinha procurar por Virgília.

Quando Lobo Neves recebe uma promoção e deve se mudar de cidade, os amantes resolvem a se encontrar quando Virgília voltasse, mas aí o romance já havia esfriado. A figura de D.Plácida só aparecerá nas memórias de Brás em uma cartinha em que Virgília pede a ele que vá visitá-la em sua casa e levá-la a um hospital já que esta se encontra “muito mal”.

Brás reluta a princípio a atender o pedido de Virgília, em um segundo momento resolve atender o que lhe pede de sua “antiga dama”.

“Depois do almoço fui à casa de Dona Plácida; achei um molho de ossos, envolto em molambos, estendido sobre um catre velho e nauseabundo; dei-lhe algum dinheiro. No dia seguinte fi-la transportar para a Misericórdia, onde ela morreu uma semana depois. Minto : amanheceu morta; saiu da vida às escondidas, tal qual entrara. Outra vez, perguntei, a mim mesmo, como no capítulo LXXV, se era para isto que o sacristão da Sé e a doceira trouxeram Dona Plácida à luz, num momento de simpatia específica. Mas adverti logo que, não fosse Dona Plácida, talvez os meus amores com Virgília tivessem sido interrompidos, ou imediatamente quebrados, em plena efervescência; tal foi, portanto, a utilidade da vida de Dona Plácida. Utilidade relativa, convenho; mas que diacho há absoluto nesse mundo?”. (cap.CXLIV).

Esse ponto da narrativa é fundamental para o entendimento do personagem Dona Plácida. Brás dá a vida de Dona Plácida uma “utilidade relativa” já que se baseia em sua própria vida (Brás ) para lhe atribuir algum significado, o que de certa forma soa egoísta e poderia ser pensado como uma estratégia de dominação.

Sidney Chalhoub analisa Dona Plácida por um abordagem política dizendo que este trecho do romance constitui-se em “um massacre, um triunfo total da volubilidade senhorial, tal a impressão que fica da leitura dessas passagens sobre dona Plácida. A conclusão final de Brás é que a pobre mulher viera à existência porque era necessidade dele, Brás, que ela viesse. As “cousas externas” só estão no mundo quando confirmam a ideologia de Brás e suprem as suas precisões materiais e espirituais”.<sup>15</sup>

Chalhoub afirma que se Brás se utiliza de uma mentalidade senhorial para com Dona Plácida, ainda que implícitamente, esta também a aceita e a legítima em seu favor, um exemplo estaria no fato de Brás sempre lhe deixar uma “pratinha” na algibeira do vestido como agradecimentos, em forma de paga pecuniária, à sua fidelidade. A legitimação poderia

---

<sup>15</sup> CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso. *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

ser explicada pelo fato de Dona Plácida ter se corrompido e aceitado a uma situação por que a vida não lhe deu outras escolhas.

Roberto Schwarz analisando o mesmo trecho do romance vê nos pensamentos de Brás a afirmação de uma mentalidade classista. “ O escárnio destas linhas é complexo. Primeiramente ele está em fingir que as inaceitáveis realidades da pobreza moderna correspondem a um propósito ( “para isso te chamamos”) . A condenação é de mão dupla: a realidade social é negativa porque não tem sentido humano, como também é negativo o anseio de achar-lhe uma finalidade a qualquer preço, anseio em que, voltairianamente, estão expostas ao ridículo as ilusões da Divina Providência e de seus sucedâneos secularizados. Em suma, nem a ordem vigente nem a apologética satisfazem a Razão, que lhes assinala a irracionalidade. Por outro lado, veja-se igualmente que a pobreza está descrita em seu ciclo regrado, por assim dizer funcional, e que não falta método a seu absurdo. Neste sentido ela tem sim uma finalidade, ainda que humanamente insustentável, a de reproduzir a ordem social que é sua desgraça”<sup>16</sup>.

A intencionalidade em chamar a atenção para um personagem pobre em meio as memórias de um personagem vindo da elite no romance de Machado de Assis possui mais que uma função peculiar. Machado preocupou-se em contar a vida de D. Plácida através de Brás e de mostrar um traço comum na sociedade de que ele mesmo, Machado, fazia parte: o pobre assalariado apenas como um serviçal, substituto do escravo, e não como um sujeito que tem direito a compensações pelo seu esforço.

A vida de Dona Plácida só tem sentido quando serve ao proveito de alguém, ainda que receba uma paga por isto esta só se justifica pelo desejo de obter sua fidelidade. Quando o

---

<sup>16</sup> SCHWARZ, *op. cit.*, p.49.

caso entre Brás e Virgília termina nenhum dos dois se lembra (exceto quando Virgília diz a Brás por uma carta que D. Plácida está para morrer ) da “velha amiga e confidente”. Sua função estava cumprida, assim como sua vida de trabalhos.

#### 4 LEONARDO: AVERSÃO AO TRABALHO

Manuel Antônio de Almeida apesar de ter trabalhado como jornalista e ser ligado ao mundo das letras, escreveu apenas um livro.

“A partir de 1852, por sugestão do amigo Antônio César Ramos, é que Manuel Antônio de Almeida escreve e publica o romance *Memórias de um Sargento de Milícias*. Trabalhava então no *Correio Mercantil*, e o livro sai em fascículos no suplemento do jornal, *A Pacotilha*, publicando-o semanalmente, entre 27 de junho de 1852 a 31 de julho de 1853. Estimulado pelo êxito da publicação, o autor lança-a em dois volumes em 1854 e 1855, com a assinatura de “Um Brasileiro”. Nas livrarias, o livro não teve o mesmo êxito de venda, mas aos poucos, as edições se sucedem, até atingir cem anos depois a casa das quarenta ou mais”<sup>17</sup>.

Nesta única obra percebe-se o estilo solto e descompromissado de Manuel Antônio. “É interessante assinalar a circunstância em que Manuel Antônio de Almeida escreveu seu livro. Ia redigindo os capítulos, ao correr da pena, freqüentemente em casa de seu amigo Bethencourt Silva, estirado numa cama, enquanto estudantes seus colegas se entregavam a patuscadas e declamações acompanhadas de violão, em meio a discussões políticas e literárias”<sup>18</sup>.

A estória se passa no Rio de Janeiro durante o reinado de D. João VI e tem como personagem principal Leonardo, filho de imigrantes portugueses. Seu pai também chamado de Leonardo ( mais tarde conhecido por Leonardo Pataca) conhece a mãe, Maria da Hortaliça, na

---

<sup>17</sup> COUTINHO, *op. cit.*, p.6.

<sup>18</sup> *Ibid*, p. 6.

viagem de navio para o Brasil. Através de um artifício de paquera “ uma pisadela e um beliscão” os dois começam a namorar e daí surge o Leonardo - filho:

“Quando saltaram em terra começou a Maria a sentir certos enojos; foram os dous morar juntos; e daí a um mês manifestaram-se claramente os efeitos da pisadela e do beliscão; sete meses depois teve a Maria um filho, formidável menino de quase três palmos de comprido, gordo e vermelho, cabeludo, esperneador e chorão ; o qual, logo depois que nasceu, mamou duas horas seguidas sem largar o peito. E este nascimento é certamente de tudo o que temos dito o que mais nos interessa, porque o menino de quem falamos é o herói desta história” .  
( cap. I )

Desde bem pequeno Leonardo já demonstrava que seria uma criança chegada a travessuras e quando os pais se separam vai morar com o Padrinho, um homem solitário, que encontra no afilhado a razão de seus afetos :

“ O pequeno, enquanto se achou novato em casa do padrinho, portou-se com toda a sisudez e gravidade; apenas porém foi tomando mais familiaridade, começou a pôr as manguinhas de fora. Apesar disto porém captou o padrinho maior afeição, que se foi aumentando de dia em dia, e que em breve chegou ao extremo da amizade cega e apaixonada”. ( cap. III)

Na barbearia do Padrinho importunava os fregueses que ,muitas vezes, saíam com cortes nos rostos por que se irritavam com o menino e se mexiam na cadeira de barbear enquanto o Padrinho lhes fazia o serviço.

Uma das travessuras que Leonardo apronta quando criança é narrada no capítulo VI e se trata de uma passagem em que ele se junta a um amigo ( que era sacristão ) para assistir uma festa de ciganos; deixa sua casa sem avisar o Padrinho que preocupado sai vagando pelas ruas e perguntando aos vizinhos pelo paradeiro do menino; o Padrinho ouve de uma vizinha um comentário maldoso sobre o afilhado :

“ – Digo-lhe e repito-lhe que tem maus bofes... Deus permita que não, mas aquilo não tem bom fim...” (cap. VI).



O Padrinho ouve irritado o comentário da Vizinha , que se tornará uma das principais difamadoras de Leonardo, este só aparece em casa no outro dia todo contente dizendo que tinha ido a um oratório.

Leonardo passa a juventude toda sem trabalhar às custas do Padrinho. Se mete em várias confusões até ser preso pelo major Vidigal e acabar se engajando na tropa e sendo promovido a sargento de milícias. No final da narrativa casa-se com a rica Luisinha, seu amor de infância, e recebe a herança do Padrinho que falece.

Segundo alguns estudiosos da obra, entre eles Mário de Andrade e Josué Montello, ela se encaixaria em um gênero de romance picaresco. Antônio Cândido, no entanto, contesta esta visão, fazendo comparações entre *Memórias de um Sargento de Milícias* e romances onde se encontra a figura típica do herói ou anti-herói pícaros ( comuns na Europa do século XVII e parte do século XVIII).

Para Antônio Cândido inicialmente “*Memórias..*” se difere dos romances pícaros porque nestes últimos é geralmente o anti-herói que narra suas aventuras, são narrados em primeira pessoa, portanto, o que não acontece com o romance de Manuel Antônio que é todo narrado em terceira pessoa, por um narrador que não faz parte da estória.

Mas existem comparações : como as origens humildes e irregulares de Leonardo assemelham-se a dos pícaros espanhóis do séc. XVII, “filho de uma pisadela e um beliscão”( cap. I) . Porém, ressalva : “Na origem o pícaro é ingênuo; a brutalidade da vida é que aos poucos o vai tornando esperto e sem escrúpulos, quase como defesa; mas Leonardo, bem abrigado pelo Padrinho, nasce malandro feito, como se se tratasse de uma qualidade essencial, não um atributo adquirido por força das circunstâncias”<sup>19</sup>.

---

<sup>19</sup> CANDIDO, Antônio. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

Os pícaros dos romances espanhóis, geralmente pertenciam de classes baixas, e se assemelhavam pela condição servil. O que não ocorre com Leonardo que não tem problemas financeiros, ou pelo menos, não passa necessidades já que seu padrinho sempre garantiu seu conforto e sustento.

Antônio Cândido ressalta a semelhança de Leonardo aos pícaros dos romances espanhóis do século XVII pela sua amabilidade e espontaneidade, o que faz com que seja levado pelo enredo e o impeça de realizar grandes fugas psicológicas. Mas acentua uma diferença, os pícaros vivem ao sabor da sorte e aprendem com a experiência, o que não ocorre com o protagonista Leonardo. Este apesar de ir preso e ser perseguido constantemente pelo major Vidigal nunca deixa de praticar suas “patuscadas”.

Finalmente, Cândido ressalta que os pícaros tradicionais não possuem sentimentos sinceros “mas apenas reflexos de ataque e defesa (...) O nosso Leonardo, embora desprovido de paixão, tem sentimentos mais sinceros neste terreno, e em parte o livro é a história de seu amor cheio de obstáculos pela sonsa Luisinha (...) . Um antipícaro, portanto, nestas e outras circunstâncias, como a de não procurar e não agradar os *superiores*, que constituem a meta suprema do malandro espanhol”.<sup>20</sup> Entendida sua condição de malandro resta saber em qual meio social Leonardo se insere, e sua participação no trabalho. Para Silviano Santiago *Memórias de um Sargento de Milícias* “não tematiza a riqueza nem a pobreza absolutas. Só percalços dos remediados”<sup>21</sup>. E desta conclusão cita alguns personagens que segundo sua visão integram o universo remediado descrito por Manuel Antônio de Almeida, que diferiu de outros romances anteriores, pela nova condição e descrição de personagens.

---

<sup>20</sup> Ibid , p.24.

<sup>21</sup> SANTIAGO, *op.cit.*, p.32.

Desde moleque Leonardo mostra sua aversão por qualquer tipo de comprometimento com instituições que lhe impusessem regras. Na escola não permaneceu muito tempo, mas só o tempo suficiente para irritar o mestre e “aprendesse a ler muito mal e escrever ainda pior” (cap.XIII). Sempre trava amizades com pessoas que o levam a mais confusões, como por exemplo o menino-sacristão da igreja da Sé , os ciganos, e mais tarde com Vidinha. Desta forma, também conquista inimigos . A primeira inimiga é a Vizinha, seguida pelo mestre-de-cerimônias, e finalmente por seu rival no coração de Luisinha, João Manuel.

Em contrapartida aos inimigos também coleciona alguns protetores. O Padrinho ou Compadre é o maior deles. O Compadre é um barbeiro que constrói seu negócio as custas de uma herança roubada de um comandante de um navio no qual trabalhou (cap. IX). Será esta personagem que o criará como filho e tentará fazer de Leonardo um homem de bem, apesar da evidente contrariedade com as origens de seu sucesso profissional. A Comadre também será outra grande aliada de Leonardo, trata-se de uma beata; que também realizava serviços de parteira; que conhece pessoas influentes, como D. Maria e Maria Regalada, que podem aliviar a situação de Leonardo em momentos críticos de sua trajetória como no da sua prisão pelo Major Vidigal. Além disso, quando perseguido pelo major Leonardo encontra guarida na casa de Vidinha, irmã de seu amigo de infância sacristão, e fica algum tempo agregado, até se meter em novas confusões despertando ciúmes nos primos dela :

“Em certas casas os agregados eram muito úteis, porque a família tirava grande proveito de seus serviços, e já tivemos ocasião de dar exemplo disso quando contamos a história do finado padrinho de Leonardo; outras vezes porém e estas eram em maior número, o agregado, refinado vadio, era uma verdadeira parasita que se prendia à árvore familiar, que lhe participava da seiva sem ajudá-la a dar os frutos, e o que é mais ainda, chegava mesmo a dar cabo dela.” ( cap. XXXIII) .

Pelo que parece Leonardo pertence ao segundo tipo de agregado já que não auxiliava em nada nesta casa, exceto em aumentar as despesas. Mas sua simpatia aderiu a mãe e a tia de Vidinha, que o queriam como filho.

“Já naquele tempo ( e dizem que é defeito do nosso) o empenho, o compadresco, eram uma mola real de todo o movimento social”. (cap. XLV)

Embora façam parte das preocupações do Compadre e da Comadre o futuro do afilhado, e também da amiga da família D. Maria, este sempre se deixa levar por situações que vão cada vez mais o puxando para o caminho da malandragem, para decepção de seus protetores:

“Como sempre acontece a quem tem muito onde escolher, o pequeno, a quem o padrinho queria fazer clérigo mandando-o a Coimbra, a quem a madrinha queria fazer artista metendo-o na Conceição, a quem Dona Maria queria fazer rábula arranjando-o em algum cartório, e a quem enfim cada conhecido ou amigo queria dar um destino que julgava mais conveniente às inclinações que nele descobria, o pequeno, dizemos, tendo tantas cousas boas para escolher, escolheu a pior possível : nem foi para Coimbra, nem para a Conceição, nem para cartório algum; não fez nenhuma destas cousas, nem também outra qualquer: constituiu-se um completo vadio, vadio- mestre, vadio-tipo”.  
( cap. XVIII).

Apesar das tentativas de lhe arrumar um emprego, inicialmente, seguindo a profissão de barbeiro do Padrinho e mais tarde em um “arranjo” da Comadre como funcionário da ucharia real , em nenhum dos empregos dá continuidade. Sempre sua porção de “boa vida” prevalece.

Leonardo ao final da estória recebe a herança do Padrinho. “A outra vem pelas mãos da esposa : a herança de Dona Maria. Duplamente afortunado. Futuro risonho pela frente”.<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> SANTIAGO, *op. cit.*, p.33.

Sem nenhum esforço lhe caem duas heranças nas mãos. Além disso, passa da condição de preso, à sargento de milícias, pela intervenção de Maria Regalada, antiga paixão do incorruptível major Vidigal, que ao final cede aos seus encantos e liberta Leonardo. A malandragem de Leonardo conquista a todos e adere a todos: através de amigos e conhecidos, Leonardo passa da condição de abandonado a afortunado sem maiores esforços ou privações.

## 5 CONCLUSÃO

O romance foi o veículo utilizado por Machado de Assis e Manuel Antônio de Almeida para dar vazão a um sentimento contemporâneo aos dois : a preocupação social.

“As décadas situadas em torno da transição dos séculos XIX e XX assinalaram mudanças drásticas em todos os setores da vida brasileira. Mudanças que foram registradas pela literatura, mas sobretudo mudanças que se transformaram em literatura”<sup>23</sup>

Através da palavra escrita a questão social, e aqui observada mais estritamente em relação a questão do trabalho e em última instância da sobrevivência, ganhou um status revelador e não apenas pitoresco.

Dona Plácida e Leonardo são mais do que personagens de romance: são faces distintas de uma mesma sociedade. Refletem pensamentos da época, ainda que estes estejam apenas na visão apurada de seus autores.

“O ponto de intersecção mais sensível entre a história, a literatura e a sociedade está concentrado evidentemente na figura do escritor”<sup>24</sup>.

Machado de Assis com seu realismo cético, não poupou esforços em demonstrar as agruras do trabalho não reconhecido através de Dona Plácida.

D. Plácida luta para sobreviver e ainda assim passa por vexames que sua consciência recrimina : como o ofício de alcoviteira a que se submete. A pobreza absoluta e sem proteção justifica sua atitude apenas parcialmente, por que no fundo, ao menos no princípio, como narra Brás Cubas : “tinha nojo de si mesma” (cap. LXX) . Os prazeres da vida são

---

<sup>23</sup>SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão : tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1999

<sup>24</sup> SEVCENKO, *op. cit.*, .246.

desconhecidos para ela. O trabalho que poderia ser fonte de satisfação e garantia para o futuro se revela inócuo.

Manuel Antônio de Almeida apesar de ter escrito sua obra alguns anos antes da de Machado, provou com sua sensibilidade que o jogo do trabalho pode ser invertido quando se manipula a ordem transformando-a em desordem, através de interesses pessoais, no que Antônio Cândido chamou de “dialética da malandragem”.

Seu protagonista Leonardo semelhante a D.Plácida tem origens pobres. Mas sua condição social evolui para a de remediado quando vai morar com o Padrinho e se estabiliza no final da estória transformado em herdeiro. Desfruta de todos os prazeres a que tem acesso, sem se prender a nada e nem se privar de nada. Sem qualquer qualificação profissional é fiel apenas a sua vontade, ainda que passe por cima da lei, representada pela figura do major Vidigal.

“Manuel Antônio, apesar da sua singeleza, tem uma coisa em comum com os grandes realistas : a capacidade de intuir, além dos fragmentos descritos, certos princípios constitutivos da sociedade - , elemento oculto que age como totalizador dos aspectos parciais”.<sup>25</sup>

O que há por trás da intenção destes autores em demonstrar de forma tão diversa a questão do trabalho ? Revelar e desta forma criticar a sua própria sociedade.

Nicolau Sevcenko fazendo comparações entre a literatura produzida por Euclides da Cunha e Lima Barreto, fala em seu tom combativo e criativo. “Produzir literatura criativa é um gesto de inconformismo. Há, por essa razão, tensões tão fortes entre diferentes ordens de

---

<sup>25</sup> CÂNDIDO, *op. cit.*, p. 35.

textos, como aquelas que se manifestam no interior das sociedades”<sup>26</sup>. Desta forma, parafraseando as palavras de Sevcenko a literatura pode ser vista como uma missão.

Missão de alerta de hábitos e costumes intrínsecos à sociedade. Vista sob o ângulo do malandro Leonardo, a mesma sociedade que o criou agora tem de inseri-lo no mercado de trabalho, mas como fazê-lo se a ele foram dados todos os mecanismos para burlar a ordem ? Mecanismos estes ao alcance de todos: do Padrinho ( que rouba uma herança e constrói seu negócio que servirá por sua vez de herança a Leonardo) , da Madrinha ( que conhece pessoas influentes e através de segredos consegue libertar o afilhado ), do próprio major Vidigal , símbolo da ordem , que ao final cede aos gracejos de sua antiga namorada e liberta Leonardo da prisão. A solução virá com o emprego público e o casamento com a tola Luisinha : “há meios e meios de vida, a mercantilização do pênis pelo golpe do baú é o mais à mão para os que, sem fortuna pessoal ou familiar, procuram ser remediados na vida”<sup>27</sup>.

Vista sob o ângulo de D. Plácida missão de revelar o trabalho pelo trabalho, sem satisfação, sem mérito , trabalho que vale apenas instantâneamente, sem semente e que cairá no esquecimento tão logo termine. A validade desta vida só encontrará utilidade na prestação de serviços. “Machado viu a outra face da moeda : em plena era burguesa, o trabalho sem mérito ou valor é um ápice da frustração histórica. Sirva de exemplo o retrato de D. Plácida, nas *Memórias Póstumas*, que é dos momentos mais altos e duros da literatura brasileira”<sup>28</sup>.

---

<sup>26</sup> SEVCENKO, *op. cit.*, p. 247.

<sup>27</sup> SANTIAGO, *op. cit.* , p. 34.

<sup>28</sup> SCHWARZ, *op. cit.* , p. 47.



E finalmente, a missão de mostrar como a sociedade pode ser injusta com seus trabalhadores e ser conivente com situações antes de tudo questionáveis, ainda que sutilmente reveladas pelo prisma da literatura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 CÂNDIDO, Antônio. *O discurso e a cidade*. São Paulo : Duas Cidades, 1993.
- 2 CHALHOUB, Sidney ; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Org). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- 3 IMAGUIRE JR, Key. *O espaço burguês: arquitetura eclética em Machado de Assis*. Curitiba : Tese de Doutorado, UFPR, História, 1999.
- 4 PEQUENO dicionário enciclopédico Koogan Larousse. Rio de Janeiro : Larousse do Brasil, 1979.
- 5 SCHWARZ, Roberto. (Org.) *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo : Brasiliense, 1983.
- 6 SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão : tensões sociais e criação cultural da primeira república*. 2.edi. São Paulo : Brasiliense, 1985.
- 7 WATT, Ian . *Ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo : Cia das Letras, 1990.
- 8 WATT, Ian . *Mitos do individualismo moderno : Fausto, Dom Quixote, Don Juan, Robinson Crusoe*. Trad. Mário Pontes. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1997.